

Walter Bastos

111 SERMÕES

para todas as ocasiões

INCLUSO NOVO MANUAL DE HOMILÉTICA



I

Ágape

SERMÃO 1

A recompensa da fidelidade

MATEUS 25.21

Introdução

Por toda a Bíblia está implícita a vontade de Deus em abençoar os homens, entretanto, ter uma vida bem-sucedida, feliz, é o resultado direto da nossa obediência à verdade claramente descrita nas Escrituras (veja Dt 28.1,2). Um belo exemplo disto vem pelo testemunho do apóstolo João, sobre um discípulo chamado Gaio (3Jo 1-6). Em todos os casos, o indivíduo próspero é sempre aquele que é comprometido com os interesses do Reino de Deus. Jesus afirmou em Mt 6.33, que todo aquele que priorizar as coisas de Deus, Ele próprio, se responsabiliza em suprir tudo o que viesse a precisar. Isto nos encoraja a continuarmos fiéis.

PROPOSIÇÃO: A vida abençoada é o fruto da obediência irrestrita e continuada da Palavra de Deus.

I – “MUITO BEM, SERVO BOM E FIEL...”

– Este texto é apresentado na parábola dos talentos (v. 14-30).

Talento é uma expressão de unidade financeira, com o peso aproximado de 32 kg, de ouro ou prata. Nessa parábola, Jesus nos ensina uma linda e severa lição sobre a fidelidade na mordomia ou na administração dos dons, recursos (dinheiro), tempo, oportunidades, saúde etc., que Deus nos dispõe.

– Esta palavra de Cristo tem uma conotação escatológica, e faz referência à prestação de contas (veja 2Cor 5.10), ao juízo que testará a qualidade, e não a quantidade (v. 15) das nossas obras (1Cor 3.13). Quem deseja ouvir um “muito bem, servo bom e fiel”, precisa esforçar-se para ser leal também nas menores e

insignificantes coisas. Podemos servir a Deus por medo (v. 25), egoísmo (como Judas – Jo 12.6), ou amor.

– Jesus destacou duas qualidades do servo da parábola em estudo: 1. Bom, do grego *agathós*, benévolo (tem sempre boa vontade), alguém que cumpre ao pé da letra seus deveres, é benfazejo.

2. Fiel, do grego *pistós*, confiável, digno de confiança. Em outras palavras, o Mestre valoriza o

crente que atende às suas expectativas, que obedece à sua Palavra, que é útil no Reino, íntegro nos seus deveres, firme de propósito (persevera, mesmo diante das dificuldades) e é um exemplo para os demais.

II – “FOSTE FIEL NO POUCO, SOBRE O MUITO TE COLOCAREI...” (V. 23).

– É prazer de Deus confirmar a fidelidade de Seus servos, por meio de bênçãos, vejamos: “Cantem de júbilo e se alegrem os que têm prazer na minha retidão; e digam sempre: Glorificado seja o Senhor, que se compraz na prosperidade do seu servo!” (Sl 35.27). Essas bênçãos geralmente se convertem em livramentos, saúde, oportunidades (veja Dt 8.18), encorajamento, aprovação etc.

– Como já foi mencionado, em Dt 8.18a, está escrito que a fonte das oportunidades e de todo bem, inclusive a saúde, é o próprio Deus. Isto indica, em síntese, que o progresso material, espiritual, ministerial, familiar etc, não é o produto da capacidade individual pura e simplesmente (veja 1Cor 1.26-29), mas a manifestação da graça de Deus, em resposta à obediência de Seus filhos aos Seus justos mandamentos.

– O Senhor felicita e recompensa o servo dedicado, esforçado, fiel, obediente; não o omissos (v.

26), nem o negligente ou o descomprometido com a causa do evangelho de Cristo, esse na verdade é censurado, reprovado e punido severa e exemplarmente (v. 30).

– Paulo relata em 2Cor 15.58 sobre uma recompensa escatológica, futura, por nossa lealdade, perseverança e serviço na obra do Senhor, entretanto, em Mt 19.29, Jesus afirma que Deus compensará abundantemente – ainda nesta presente vida – quem “deixar” (ou “oferecer” – Mt 5.40) qualquer coisa, por amor à obra de Deus. Veja o exemplo de Barnabé

– At 4.37.

– No Antigo Testamento, encontramos inúmeras promessas de Deus, que nos garante e encoraja a esperarmos bênçãos em resposta à nossa obediência a Sua vontade, por exemplo: “Servireis ao Senhor, vosso Deus, e ele abençoará o vosso pão e a vossa água e (...) completarei o número dos teus dias” (Êx 23.25,26).

– Jesus destacou a fidelidade sobre o “pouco”, e tanto o que ganhou cinco, quanto o que ganhou dois talentos, foram elogiados, não houve distinção. Deus recompensa a lealdade no serviço, seja qual for a produção de cada um. Ele sempre nos dá muito, mas exige pouco (veja Lc 13.6-9). O “pouco” se refere aos nossos deveres básicos, como dizimar, ofertar (Jo 6.9), ou ainda qualquer outro serviço para Deus em sua obra.

– A promessa “sobre o muito”, que nos dá a ideia de abundância, e assiste somente ao que compartilha (v. 29). Quem “esconde” (v. 18) e não dá, perde ainda mais (veja Pv 28.16,27). Deus confia ao fiel mais do que ele pode precisar, para que semeie e colha ainda mais (2Cor 9.8).

CONCLUSÃO

Surge no coração de todo crente dedicado, uma alegria incontida, um prazer maravilhoso, quando conclui determinada tarefa e alcança o objetivo proposto. Essa alegria vem de Deus (veja Rom 14.7), pois é a sua forma de nos dizer “muito bem, servo bom e fiel”.

Ser infiel e indiferente com as coisas de Deus é mau negócio, pois Ele nos considera negligente (que não faz o que deveria fazer – v. 27) e inútil (impres-tável), pior que um ímpio, visto que tivemos a oportunidade e a capacidade de fazer, mas nos omitimos. O resultado será o juízo com os ímpios (v. 30).

SERMÃO 2

Nos domínios do Espírito

GÁLATAS 5.22-25

Introdução

Todo crente regenerado é a habitação do Espírito Santo (veja 1Cor 6.19). O seu desafio logo após a conversão consiste em viver na plenitude ou no controle do Espírito de Deus. A Bíblia está repleta de pessoas que foram cheias ou dominadas pelo Espírito. Estêvão, por exemplo, deixou isto muito claro momentos antes de ser martirizado, pois no registro de Lc observamos que em meio à dor e à humilhação, ele foi capaz de ver a glória de Deus (e não apenas seus algozes), sentia-se pronto para ir para o céu, amou seus inimigos orando por eles além de perdoar aos seus maus feitos (Saulo estava entre eles – At 7.54-60). Podemos notar na vida desse gigante da fé a manifestação maravilhosa do fruto do Espírito na sua plenitude.

PROPOSIÇÃO: Ser cheio do Espírito Santo não é ter mais do Seu poder, mas Ele ter mais de nós.

I – “MAS O FRUTO DO ESPÍRITO É...”

– A manifestação do “fruto” é obra do Espírito Santo, e não o resultado do esforço humano, ou de exigências legalistas/ascéticas de qualquer religião. O Espírito de Deus é capaz de produzir na vida do crente essas (nove) e outras qualidades morais, mas só quando este lhe permite o controle.

– A partir do momento que desenvolvemos a nossa salvação (veja Fp 2.12), crescemos na graça e no conhecimento de Cristo (2Pedro 3.18) e nos

despimos de todo acúmulo de maldade – pela obediência à Palavra de Deus (Tg 1.21), em consequência disso, o fruto do Espírito cresce e aparece.

– O “fruto” é um (no singular), porém com múltiplos aspectos ou variedades. Veja o que cada um deles representa no aspecto prático:

1. Amor: Do grego agape é o amor na sua representação mais profunda; sacrificial (Ef 5.25), responsável, despretenhoso, racional e não apenas emocional. É o mais poderoso “lubrificante” social que existe. Quem ama nesse termo, se interessa pelo bem-estar dos outros de maneira desinteressada e cumpre a Lei (5.14). Em 1Cor 13.4-8, ele é descrito com detalhes. O amor está acima de dons (1Cor 13.13), conhecimento, posses etc; pois não permanece somente nas palavras (se envolve...).

2. Alegria: Do grego chara é um sentimento de contentamento ou deleite, procedente de um relacionamento correto com Deus. É aquela satisfação que inunda o nosso ser quando completamos com êxito alguma tarefa para Deus, ou quando Lhe somos gratos por uma bênção recebida. A alegria, como fruto do Espírito, não pode ser contida pela perseguição, dor, nem qualquer tipo de adversidade (veja At 8.8). A alegria do Senhor é a nossa força (Ne 8.10).

3. Paz: Do grego eirene, é a tranquilidade ou o sossego ou a serenidade do espírito e da mente que resultam da nossa relação com o Deus da paz (veja Rom 16.20), mesmo diante das batalhas que a vida pode nos impor. A paz nos é permanentemente comunicada pelo Espírito de Deus que em nós habita (Rom 14.17).

4. Longanimidade: Do grego makrothumia, é a capacidade de suportar com paciência – sem se encolerizar – as críticas, ofensas ou injúrias. É o mesmo que ânimo longo. Com a longanimidade podemos suportar as diferenças de opinião ou a forma de ver as coisas, própria de toda pessoa. A natureza humana nos impede de ser longânimo, e somente pela influência do Espírito é que adquirimos mais esse detalhe da beleza de Cristo.

5. Benignidade: Do grego chrestotes, é uma espécie de gentileza no trato com os outros. Essa virtude é indispensável nos relacionamentos interpessoais. O benigno nunca é áspero nas palavras (veja Ef 4.31,32).

6. Bondade: Do grego agathosune, é a capacidade de ser generoso, dado. O indivíduo bondoso ajuda, apóia, socorre, age em favor do necessitado sem medir consequências (exemplo: o bom samaritano; veja Lc 10.33-35), e sem esperar nada em troca.

7. Fidelidade: Do grego *pistis*, também é traduzida por fé, mas de acordo com o contexto, *pistis* está mais associado à fidelidade. A palavra significa uma espécie de confiabilidade, lealdade que demonstramos com qualquer compromisso assumido. Quem realmente nasceu de novo sabe que precisa ser honesto, sincero e fiel a Deus e aos seus semelhantes.

8. Mansidão: Do grego *prautes*, é a calma ou brandura que manifestamos ante uma situação grave (por exemplo: Cristo diante da mulher adúltera; veja Jo 8.6-8). Deus é favorável com quem é manso, moderado, dócil (exemplo: Moisés; Nm 12.1-8; os mansos herdarão a terra; Mt 5.5). Do homem em relação a Deus, a mansidão representa a submissão incontestada à Sua vontade. Mansidão é o contrário exato de ira ou discórdia.

9. Domínio próprio: Do grego *egkrateia*, é o exercício do autocontrole nas várias atividades da vida diária. É ser comedido, controlado no que fala, no que faz (exemplo: na comida, bebida) e no temperamento (de “temperança” na ARC). Quem se domina, renuncia a si mesmo de forma inteligente (como um atleta que treina para vencer; 1Cor 9.25), mantém o ego submisso ao querer de Deus. Veja Pv 16.32.

II – “VIVER E ANDAR NO ESPÍRITO”.

– Isto só é possível se subjugarmos a nossa vontade; se crucificarmos a velha natureza (v. 24). Viver no Espírito é a única maneira de nos libertarmos do domínio da natureza adâmica (veja Rom 8.9), e essa nova forma de vida outorgada por Jesus Cristo na cruz do Calvário nos capacita a vivermos acima das preocupações deste mundo perdido.

– A vida sob controle do Espírito é aquela que permanece na dimensão da fé (veja 2Cor 5.7), da Palavra, de Deus. Viver e andar são verbos que ilustram de que maneira devemos nos conduzir neste mundo, ou seja, sob a direção e o poder do Espírito de Deus. No grego, a palavra “andamos” é *stoichomen*, derivada de *stoicheo*, que significa: “pôr-se, andar, seguir em linha com”. Isto quer dizer que o Espírito Santo está à nossa frente, no caminho para o céu, e nos convida a segui-lo. Em outras palavras, devemos viver de maneira que agrade a Deus, encarnando as virtudes alistadas nos versículos 22 e 23 do estudo em foco.

CONCLUSÃO

O fruto do Espírito é a manifestação de virtudes morais, produzidas na vida do crente que vive sob a poderosa influência ou direção do Espírito

Santo. Essas qualidades morais e éticas contrastam radicalmente com as obras da carne. De qual dessas virtudes necessitamos? O que precisamos fazer para incorporá-las à nossa personalidade? Está escrito que contra essas virtudes não há lei (v. 23), ou seja, não há restrição ou condenação alguma, pois é para isso que a lei existe.